

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2009

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Bristol, Reino Unido)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009

ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

**VOLUME COMEMORATIVO DO
XX ANIVERSÁRIO**

do

**Centro de Estudos Arqueológicos
do Concelho de Oeiras**

(Câmara Municipal de Oeiras)

1988 - 2008

Editor Científico:
João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2009

AINDA ANTES DO 4.º MILÉNIO a.C.: AS PRÁTICAS SIMBÓLICAS¹ DAS COMUNIDADES NEOLÍTICAS, NO OCIDENTE PENINSULAR

Mariana Diniz*

1. NA ORIGEM, NO ORIENTE

No Próximo Oriente, a partir dos finais do 11.º milénio a.C., a emergência do Neolítico acontece num quadro de grande complexidade ideológica, onde a sedentarização e o aparecimento das práticas agrícolas se associam a um elaborado universo simbólicos, que integra artefactos, estruturas e comportamentos que remetem para esferas e leituras não-economicistas do comportamento humano.

Mesmo para os não-adeptos de modelos de neolitização, como o defendido por Jacques Cauvin (1999), que preconiza uma revolução simbólica como motor da mudança tecno-económica, a densificação, ao longo do PPNA e PPNB, da trama de símbolos, que no Neolítico pleno parecem omnipresentes, constitui um incontornável indício da natureza global da Revolução Neolítica, no contexto da qual se geram novas coordenadas de leitura e de acção sobre distintos planos do real.

Ao longo do 9º milénio, o aparecimento, no registo arqueológico, de santuários como o de Gobekli Tepe e de Nevali Çori, de cereais e de animais domesticados em Beidha e Cafer Hyuk, de grandes povoados de 10-15 ha como Ain Ghazal ou Abu Hureyra, de crânios remodelados em Jericó, de figurinhas femininas em Netiv Hagdud ou Çayönü (AURENCHE & KOZLOWSKI, 2003), reflecte a existência de dinâmicas culturais onde, lado a lado, se definem novas estratégias de intervenção e manipulação da natureza, da sociedade e dos indivíduos.

Ultrapassada uma descrição processual do Passado, parece hoje consensual reconhecer, que os artefactos e as estruturas conectáveis com as práticas simbólicas não constituem materialidades quase anedóticas, e de interesse sobretudo museográfico, mas desempenharam um papel estruturante na definição destas primeiras sociedades neolíticas, enquanto agentes activos de uma autoridade centralizada (ÖZDOĞAN, 1997, p. 17), que parece desde uma fase muito precoce conjugar, demonstrando a complementaridade destes diferentes “sub-sistemas”, ideologia e economia, numa mesma revolução.

Fenómenos complexos de sociabilização, associados a uma sedentarização efectiva e ao crescimento demográfico dos aglomerados populacionais, podem ter assumido contornos simbólicos, concretizados em encenações mágico-religiosas que tornariam menos dolorosa a passagem de uma mundividência própria de caçadores-recolectores a uma cosmogonia de sociedades produtoras (BARNARD, 2007).

A citação impõe-se e, na análise deste foco primário de neolitização, a religião parece também aqui ter servido enquanto um poderoso opiáceo...neste caso utilizado como um elemento aglutinador na consolidação do tecido social das primeiras sociedades agro-pastoris.

* Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras de Lisboa 1600-214 Lisboa. m.diniz@fl.ul.pt

¹ O conceito de simbólico é aqui empregue numa perspectiva convencional, alguns diriam esquelética, que remete não unicamente para os planos do mágico-religioso, mas para domínios que ultrapassem o estritamente funcional.

2. PARA OCIDENTE, UMA DERIVA DISSOLVENTE

Se a neolitização da Europa enquanto resultado de uma fuga a uma autoridade central, em grande medida assente no Templo, como propõe Özdoğan (1997), parece ser uma leitura anacrónica de uma realidade cultural específica, é inegável no registo arqueológico que se assiste, com a entrada do Neolítico no espaço europeu, a uma diluição dos traços culturais próprios do Oriente, em parte justificada pela diluição genética (SEMINO *et al.*, 2004), e entre os que se destaca o desaparecimento de elementos próprios do quadro simbólico de origem.

Por isso alguns componentes deste complexo projecto simbólico permanecerão exclusivamente orientais, como os santuários e a representação, em múltiplos suportes, de feras, necrófagos e antropomorfos, a reconstrução e o culto dos crânios, enquanto outros, como as figurinhas antropomórficas, sobretudo femininas, são absolutamente transversais, como se depreende da sua diacronia e área de dispersão geográfica, que as transforma na figura central desta odisseia ideológica (DINIZ, 2008).

A partir dos inícios do 7º milénio a.C., torna-se assim, e apesar da complexidade simbólica do Neolítico egeobalcânico (GIMBUTAS, 2007), clara a dissolução, a caminho do Ocidente, deste projecto mágico-religioso que parece, em cada área de recomposição do pacote neolítico (GUILAINE, 2003), perder substância, até ao vazio do Mediterrâneo ocidental, onde a introdução das economias produtoras parecia um fenómeno pouco consistente e desvinculado de uma ideologia aparatosa.

Neste momento, em que o Neolítico do Mediterrâneo ocidental já não pode ser considerado um Neolítico de pastores, utilizando sobretudo grutas em regime sazonal e com forte componente cinegética (GUILAINE, 1981), em que o carácter aldeão e agrícola destas comunidades está plenamente atestado, no campo da simbólica, o quadro não sofreu alterações significativas e continua apenas disponível um inventário reduzido de figurinhas femininas e informações escassas acerca das práticas de enterramento destes grupos.

Esta diluição acentuada da componente simbólica faz-se sentir de forma nítida já no Mediterrâneo central, onde é clara a disparidade entre uma “infra-estrutura” económica plenamente produtora e solidamente implantada no terreno e uma “super-estrutura” ideológica quase invisível, no registo arqueológico.

Na primeira metade do 6º milénio a.C., esta disparidade parece exemplarmente demonstrada em povoados como o de Torre Sabea (GUILAINE & CREMONESI, 2003), para o qual se conhece apenas uma única deposição funerária, em fossa, acompanhada por nódulos de ocre e coberta por blocos de pedra (CREMONESI *et al.*, 2003), e um conjunto de objectos de adorno fabricados quase exclusivamente sobre concha, na tradição das indústrias Paleolíticas e Mesolíticas da região (RADI, 2003).

No entanto, a economia agrícola de Torre Sabea e a pastorícia, que fornece cerca de 91% da carne consumida no povoado, não têm qualquer raiz na área de implantação do sítio e reproduzem “(...) un système qui semble diffuser, sans modification qualitative fondamentale, de l’Anatolie jusq’au Sud de la France.” (GUILAINE & CREMONESI, 2003, p. 390).

Ao contrário do pacote tecno-económico, que conserva um número significativo de elementos estruturantes, o sistema simbólico parece cada vez menos formalizado à medida que nos afastamos do epicentro cultural da Revolução Neolítica. Esta diluição, que resulta de uma combinatória complexa de distâncias genéticas, cronológicas e geográficas, e de contributos específicos dos substratos indígenas assenta numa menor densidade demográfica que, ao mesmo tempo, permite e justifica esta dissolução ideológica, em parte pretendida pelos protagonistas do processo de neolitização, em parte permitida pelo cenário global.

No Mediterrâneo ocidental, os últimos ecos, em contextos do Neolítico antigo, de um universo mágico-religioso de filiação oriental pareciam estar materializados nas figurinhas femininas de Arene Candide (TINÉ, 1999), e o Sul de França surge enquanto um território quase desprovido de elementos que remetam para o campo da simbólica.

3. NA PENÍNSULA IBÉRICA: O “CASO SERPIS”

Nesta dinâmica, de progressiva “laicização” dos grupos neolíticos, que acompanha a expansão das economias produtoras para Ocidente, o registo disponível para o Levante espanhol constitui, ao nível das práticas simbólicas, um caso excepcional sem paralelos conhecidos no Mediterrâneo ocidental.

Na província de Alicante, a bacia do Serpis, uma área, cuja intensidade de investigação não tem paralelo na Península Ibérica, apresenta uma concentração de elementos simbólicos que permite definir, para a região, um fenómeno de neolitização que introduz os componentes específicos de uma economia produtora, ao mesmo tempo que gera uma paisagem ideologicamente estruturada, que integra recintos monumentais como Mas d’Is (OROZCO *et al.*, 2008), santuários rupestres como Pla de Petrarcos (HERNÁNDEZ PÉREZ, 2004) ou La Sarga (HERNÁNDEZ PÉREZ & SEGURA MARTÍ, 2002), e grutas com uma expressiva densidade de artefactos simbólicos como Cova de l’Or (OROZCO *et al.*, 2008).

No povoado de Mas d’Is, a escavação de fossos e a colocação na sua base de um recipiente de cerâmica cardial – interpretado como um ritual de fundação do sítio – nos santuários de Pla de Petrarcos e de La Sarga, a pintura de uma figura antropomórfica “orante”, que se encontra também impressa em cerâmicas da Cova de Sarsa ou da Cova de l’Or, onde surge acompanhada por um conjunto amplo de objectos de adorno (anéis, pulseiras, pendentes), de instrumentos musicais (flauta) e de artefactos de excepção (colheres, vasos geminados), reflectem a introdução de uma ideologia, de uma iconografia e de rituais neolíticos que marcam a implantação das primeiras sociedades agro-pastoris, naquele território.

Na bacia do Serpis, no terceiro quartel do 6.º milénio a.C., a introdução de uma economia produtora é acompanhada pela introdução de uma ideologia de produtores, no quadro de um projecto simbólico onde a componente pública, materializada nos abrigos com arte macro-esquemática, parece desempenhar um papel decisivo.

No entanto, nesta paisagem, de grande complexidade simbólica, o “lugar do morto” é, e como é próprio dos territórios cardiais, pouco perceptível.

As deposições funerárias, em pequeno número e realizadas em grutas de reduzidas dimensões localizadas na periferia das áreas de habitat, acompanhadas por um espólio mínimo, como alguma escassa cerâmica cardial, alguns pendentes sobre concha – em forma de “canino de veado” – e alguma pedra lascada (GARCIA ATIÉNZA, 2007), integram o processo de antropização dos espaços, onde a morte e os antepassados não parecem constituir eixos centrais do discurso dos primeiros grupos agro-pastoris.

A consolidação e a expansão para o interior peninsular do sistema produtor darão origem a outros cenários, nos quais a proximidade/presença da morte está mais próxima das paisagens quotidianas. Esse outro cenário parece materializado no sítio de Los Cascajos (Navarra), onde, ao longo do 5º milénio, uma necrópole de inumação em fossa foi ocupando a área central do povoado, no qual estão igualmente documentadas fossas de deposição ritual (GARCÍA GAZÓLAZ & SESMA SESMA, 2001).

4. NO ACTUAL TERRITÓRIO PORTUGUÊS: UM INVENTÁRIO CRÍTICO DOS ELEMENTOS

A discussão acerca das práticas simbólicas do Neolítico antigo, no actual território português, exige a construção prévia de um inventário crítico dos elementos conectados, numa faixa cronológica que se estende dos meados do 6º aos finais do 5º milénio a.C., com a implantação das primeiras sociedades camponesas no Ocidente peninsular.

As práticas, os artefactos e as estruturas aqui registados inscrevem-se num universo ideológico que, numa terminologia tradicional, seria definido enquanto pré-megalítico porque, e apesar das propostas que o associa este

fenómeno aos alvares do Neolítico (CALADO, 2004), parecem-me ainda não reunidos os argumentos cronológicos necessários para conectar, no actual território português, as primeiras etapas da neolitização ao megalitismo menírico.

Os dados disponíveis são escassos e um número significativo de notícias acerca de práticas simbólicas, sobretudo conectadas com possíveis enterramentos, não satisfazem os requisitos de um crivo heurístico contemporâneo pelo que a sistematização da informação se torna indispensável enquanto etapa prévia de um debate alargado.

4.1. Práticas funerárias

Nos últimos 20 anos, a carta de distribuição do povoamento do Neolítico Antigo, no actual território português, registou um crescimento muito significativo sem que, no entanto esta ampliação de dados se estenda ao campo das necrópoles, cujo número permanece, lamentavelmente, estável.

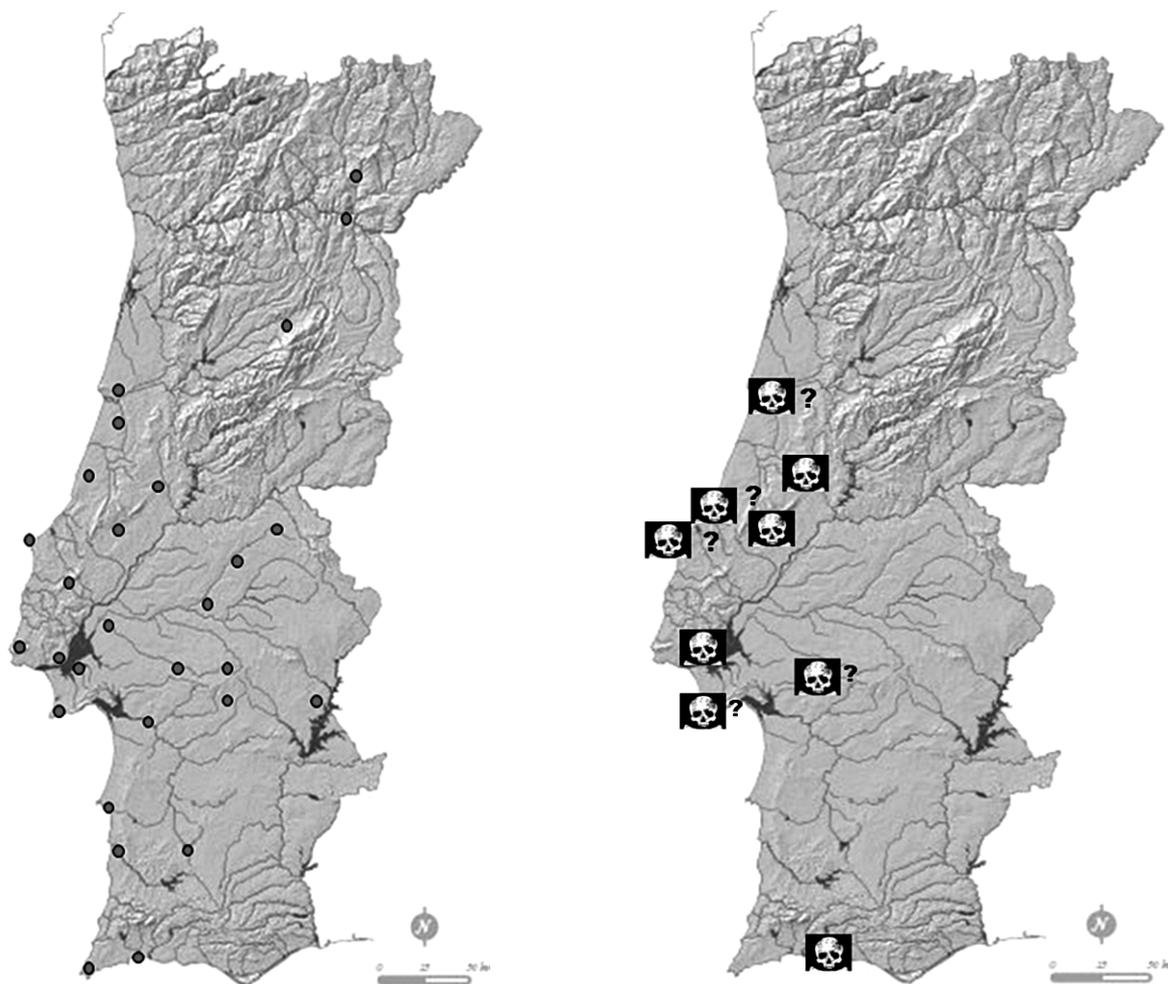


Fig. 1 - À esquerda - carta de distribuição do povoamento do Neolítico antigo, no actual território português; à direita - carta de distribuição das necrópoles do Neolítico antigo.

Em grande medida, este é um problema de natureza arqueográfica resultante dos processos tafonómicos que incidem sobre as materialidades específicas do universo funerário que se tornam, por isso, de improvável recuperação.

Para o território português, a informação existente acerca das práticas funerárias do Neolítico Antigo provém, com pontuais excepções, de regiões calcárias onde a conservação da matéria orgânica é possível. No entanto, parte substantiva do povoamento desta etapa realiza-se sobre solos arenosos e graníticos cuja acidez, responsável pela decomposição de restos orgânicos, justifica em amplas áreas a total ausência de informação acerca dos rituais de enterramento.

Se esta é a causa fundamental dos imensos vazios na distribuição das necrópoles, uma outra questão de ordem cultural, relacionada com o peso escasso da morte nas paisagens do Neolítico Antigo do Mediterrâneo ocidental, contribui também para este cenário, para o qual não existem dados que permitam definir, inclusivamente no Maciço Calcário, as relações de proximidade/distância entre habitats e necrópoles.

Da análise do Quadro 1, resulta, de imediato, a insuficiência de dados conclusivos que permitam caracterizar os lugares, os rituais e os espólios funerários do Neolítico antigo, no Ocidente peninsular.

É, no entanto possível definir alguns aspectos das práticas funerárias do Neolítico antigo, nomeadamente:

- a sistemática (?) utilização de grutas enquanto espaço de necrópole, ainda que seja de registar o número de casos duvidosos que pode contribuir para uma imagem inflacionada deste tipo de uso.

Em muitas destas grutas que funcionaram como necrópole em fases mais tardias do Neolítico, como acontece nas grutas de Alcobaça, na Furninha e no Escoural, para citar apenas alguns casos, sendo provável a existência de deposições durante o Neolítico antigo, estas não estão inequivocamente comprovadas na amálgama que caracteriza os Depósitos Superiores destas cavidades (DINIZ, 1994), o que torna particularmente difícil a determinação da tipologia da ocupação do Neolítico antigo, sobretudo porque algumas grutas não foram utilizadas como lugar de enterramento como é o caso do Abrigo de Bocas (CARREIRA, 1994), e da Gruta da Cova da Moura;

- que para além dos contextos em gruta, foram recolhidos ossos humanos em sítios/habitats ao ar livre, como acontece na Pedreira das Salemas. Estão igualmente documentados restos humanos, em outros contextos domésticos com ocupações do Neolítico Antigo, como é o caso da Cova da Baleia (SOUSA, 2008), das Lameiras (T. Simões, inf. pess.), e do Xarez 12 (GONÇALVES, 2003), ainda que a exacta cronologia das deposições esteja por definir;

- o ritual funerário em gruta parece exibir um leque diversificado de soluções, no quadro da inumação, que contemplam desde a deposição simples de corpos à superfície, como registado na Gruta do Caldeirão e no Algar do Picoto, à escavação de fossas pouco profundas como acontece na gruta de N.^a Sr.^a das Lapas e aparentemente na gruta das Salemas, onde estará também registada a utilização das anfractuosidades das paredes rochosas como lugar de depósito funerário;

- a regra parece a da deposição/enterramento primário, individual e não selectivo, a avaliar pelos dados da Gruta do Caldeirão, onde estão depositados indivíduos dos dois sexos e de diferentes escalões etários, e da gruta de N.^a Sr.^a das Lapas, onde foi recuperado um único enterramento infantil;

- a ausência, com excepção dos pequenos blocos de pedra que delimitam o enterramento infantil de N.^a Sr.^a das Lapas, de estruturação do espaço funerário. A inumação em fossas/silos, como as registadas no Castelo Belinho são, neste contexto, um fenómeno tardio e que poderá estar associado à reutilização de estruturas de armazenamento prévias portanto não escavadas especificamente para o efeito;

- ao nível do espólio votivo destaca-se, e como um outro traço comum aos grupos neolíticos do Mediterrâneo ocidental, a simplicidade e relativa exiguidade do mesmo. Apenas em dois casos é possível estabelecer uma

Quadro 1 – Práticas Funerárias do Neolítico antigo, no Ocidente Peninsular

| Sítio | N.º deposições | Ritual | Espólio | Datação absoluta | Bibliografia |
|--------------------------|----------------------------------|---|--|---|---|
| Grutas de Eira Pedrinha | ? | ? | Cer. Cardial Fig. “orante” | ? | CORRÊA & TEIXEIRA, 1949 |
| Buraca Grande | ? | Provável depósito funerário | Cer. Cardial/ Impressa | 6560±145 BP (conchas) | AUBRY <i>et al.</i> , 1997 |
| Gruta Caldeirão NA2 | NMI – 5 | Deposição primária à sup./junto paredes | Cerâmica cardial Micrólitos Obj. adorno | 6130±90 BP (<i>Homo</i>) | ZILHÃO, 1992 |
| Gruta Caldeirão NA1 | NMI – 13 | Deposição primária à superfície ? | Cer.Imp./incisa Machados/ Obj. adorno | 5810±70 BP (<i>Homo</i>) | ZILHÃO, 1992 |
| Gruta N.ª Sr.ª das Lapas | 1 | Deposição ossos Interior de estrutura | Cer. Incisa/ Pedra lascada Obj. adorno | 6100±70 BP (<i>Homo</i>) | OOSTERBEEK, 1993 |
| Algar do Picoto | 2 | Deposição primária à superfície | Cer. canelada | 6000±150 BP 5904±36 BP (<i>Homo</i>) | CARVALHO, 2007 |
| Gruta do Almonda | Ossos humanos numerosos | ? | Cer. Cardial Fig. “orante” Imp./Incisa Obj. adorno | 6445±45 BP (adornos) | CARVALHO, 2007 |
| Grutas de Alcobaça | ? | ? | Cer. Cardial/ Imp./incisa | ? | NATIVIDADE, 1899-1903 |
| Gruta da Furninha | ? | ? | Cer. Imp./incisa | ? | DELGADO, 1884 |
| Casa da Moura | Ossos humanos | ? | Cer. Imp./incisa | 5990±60 BP (<i>Homo</i>) | STRAUSS <i>et al.</i> , 1988 JACKES <i>et al.</i> , 1997 |
| Gruta da Sr.ª da Luz | ? | Enterramento no solo? | Vaso motivo espiga Asas bifidas/obj. adorno | ? | CARDOSO <i>et al.</i> , 1996b |
| Gruta do Correio-Mor | ? | Deposição Descarnação-exposição | Adornos | 6330±60 BP (carvão) 6330±60 BP (<i>Homo</i>) | CARDOSO, 1996a J. L. CARDOSO, inf. pess. |
| Gruta das Salemas | Não especificado | Reentrâncias paredes da gruta/escavação de fossas | | 6320±350 BP (carvão) | CASTRO & FERREIRA, 1972 |
| Pedreira das Salemas | Ossos humanos | Em lapiás, habitat | | 6020±120 BP (<i>Homo</i>) | CARDOSO, 1996a |
| Lapa do Fumo | Restos de ossos e dentes humanos | ? | Cer. motivo espiga Asas bifidas | ? | SERRÃO, 1959 |
| Gruta do Escoural | ? | ? | Cer. Cardial/ impressa | ? | ARAÚJO & LEJEUNE, 1995 |
| Samouqueira | 2 | Fossa rasa | | 6370±70 BP (<i>Homo</i>) | LUBELL <i>et al.</i> , 2007 |
| Gruta Ibn-Amar | ? | ? | Cer. Impressa/ Incisa | | CARVALHO, 2007 |
| Castelo Belinho | Não especificado | Inumação em fossa Inumação em silo | Variável – 22 braceletes de <i>Glycymeris</i> – ausente | 5500±40 BP 5720±40 BP (<i>Homo</i>) | GOMES, 2008 |

correspondência entre deposições e materiais – no Horizonte NA2 da Gruta do Caldeirão, onde terá sido detectada a provável associação de um adulto do sexo masculino a um pequeno conjunto de micrólitos geométricos, de um outro adulto do sexo masculino a um colar com 118 exemplares de *Theodoxus fluviatilis* e sete pendentes de *Hinia pfeifferi*, e de uma mulher a um vaso com decoração cardinal (ZILHÃO, 1992, p. 76-77).

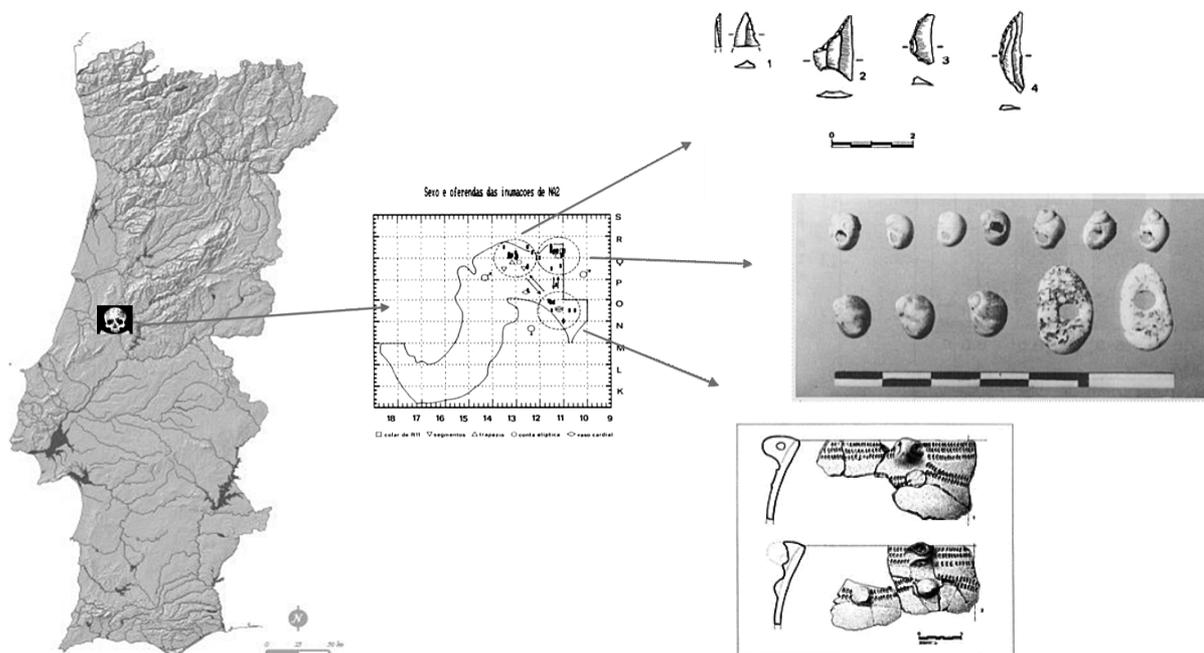


Fig. 2 – Deposições e espólios votivos no Horizonte NA2, da Gruta do Caldeirão (a partir de Zilhão, 1992).

Mais segura é a conexão entre o enterramento infantil de N.^a Sr.^a das Lapas e um pequeno conjunto que integra para além de algum material de pedra lascada e recipientes cerâmicos, objectos de adorno contas discóides de pedra verde e contas tipo “canino de veado”, feitas sobre *Glycymeris glycymeris* (OOSTERBEEK, 1993, p. 55).

Para além destes casos, até ao momento únicos, coloca-se na categoria de material votivo os objectos de adorno provenientes de grutas, para as quais se admite uma função funerária, como sejam contas de colar sobre pedra ou concha, pendentes sobre pedra, concha ou osso.

Particularmente rico é o conjunto de adornos da Gruta do Almonda, composto por contas discóides de pedra, contas cilíndricas sobre concha, pendentes sobre concha, sobre dentes, sobre osso, em forma de “canino de veado”, e conchas diversas não perfuradas (CARVALHO, 2007, p. 148).

Também das grutas da Senhora da Luz, provável necrópole, provêm, e para além de cerâmicas do Neolítico Antigo, um conjunto de adornos que integra contas discóides de xisto, contas cilíndricas de *Dentalium* e um bracelete em pedra (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1996 b).

O espólio próprio do Neolítico Antigo parece incluir alguma cerâmica e pedra lascada, escassa, e sobretudo objectos de adorno, contas de colar e pendentes realizados sobre diferentes matérias-primas, mas com evidente destaque para o uso de conchas/búzios, quer sejam apenas perfuradas quer sejam utilizadas para produzir contas ou pendentes, entre os quais se destacam os “caninos de veado”, e, com menor frequência, braceletes.

Porque não foram ainda recuperados objectos de adorno em posição primária, não são conhecidas as peças que estas contas e pendentes integravam, nem a forma como ornamentavam o corpo?, e/ou as vestes? do morto.

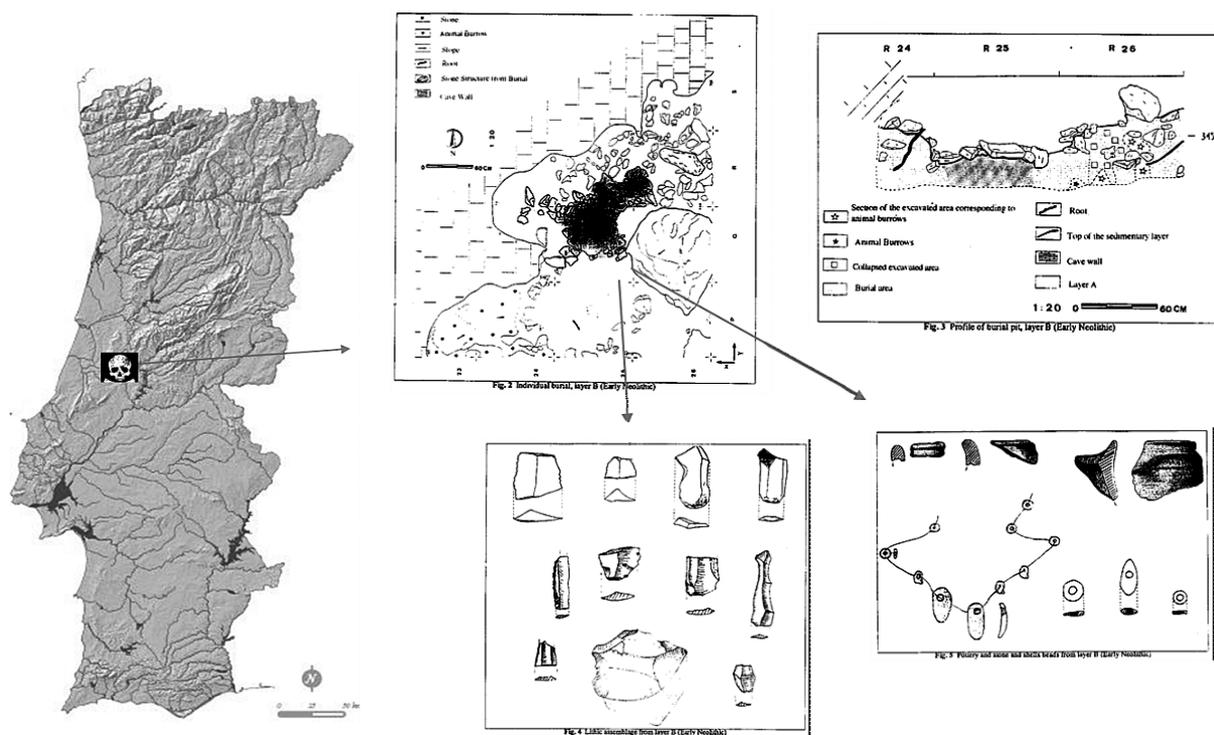


Fig. 3 – Enterramento infantil e espólio votivo da Gruta de N.ª Sr.ª das Lapas (a partir de OOSTERBEEK, 1993).

Os braceletes, que apesar de raros têm sido recuperados sobretudo em contexto de habitat, adiante discutidos, são, numa primeira fase, realizados em pedra e, num momento mais tardio, sobre concha de *Glicymeris*.

Esta é uma realidade patente em Castelo Belinho, cuja necrópole de inumação em fossa/silo localizada no interior do espaço de habitat, numa situação muito próxima à detectada em Los Cascajos, datada dos finais do 5º milénio AC, apresenta entre o espólio votivo um conjunto de 22 braceletes de *Glicymeris bimaculata* que adornavam os braços de um homem de mais de 35 anos (GOMES, 2008, p.75), e que constitui uma antevisão dos espólios votivos provenientes de contextos de gruta datados do primeiro quartel do 4º milénio AC, como os recuperados na Gruta dos Ossos, no Algar do Barrão, no Algar do Bom Santo e na Gruta do Escoural (CARDOSO & CARVALHO, 2008).

Para além dos objectos de adorno, os recipientes cerâmicos constituem um outro elemento próprio dos espólios votivos do Neolítico antigo, com particular destaque, numa primeira fase, para a cerâmica cardial que atinge em ambientes funerários o dobro das presenças registadas em contextos habitacionais (Diniz, 2007, p.197).

E é sobre cerâmica que encontramos impressas as representações de “figuras orantes” que, no imediato, remetem para o imaginário mágico-religioso das primeiras sociedades agro-pastoris no Mediterrâneo ocidental, e que abaixo são discutidas.

4.2. Símbolos para mortos e vivos

As representações de “figuras orantes” estão, neste momento, documentadas, no actual território português, exclusivamente sobre recipientes cerâmicos provenientes de três sítios do Neolítico antigo, dois deles em gruta, classificados como contextos funerários – Grutas de Eira Pedrinha e Gruta do Almonda – e datados da primeira

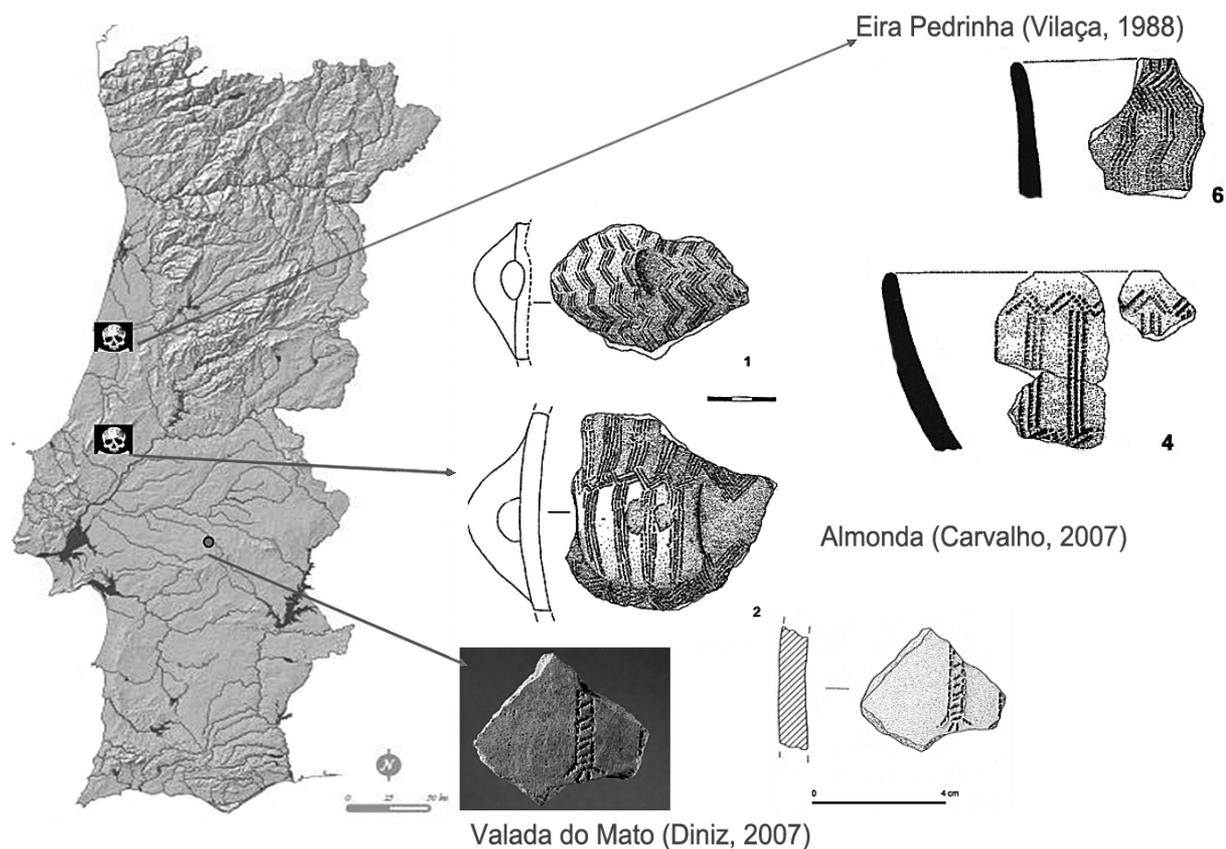


Fig. 4 - “Figuras Orantes”, em friso das necrópoles de Eira Pedrinha e do Almonda, e isolada do povoado da Valada do Mato.

etapa da neolitização do Ocidente peninsular, e um terceiro – Valada do Mato – ao ar livre, classificado como um povoado permanente, integrável num segundo momento deste processo.

A avaliar pelas datações disponíveis para estes diferentes contextos, 6445 ± 45 BP para o Almonda e 6030 ± 50 BP para a Valada do Mato, estamos perante um símbolo de longa duração, presente ao longo de toda a etapa cultural designada como Neolítico antigo.

As “figuras orantes” foram realizadas através de impressão de concha, no recipiente de Eira Pedrinha, e de pequeno pente, nos exemplares do Almonda e da Valada do Mato, e possuem os mais directos paralelos nas “figuras orantes” do Neolítico valenciano.

Esta figura antropomórfica, à qual não é possível atribuir género, surge quer em friso, como sucede no Almonda e em Eira Pedrinha, em composições semelhantes à registada sobre um vaso da Cova de l’Or, interpretada como uma possível figuração de uma cena de dança (MARTÍ OLIVER & HERNANDEZ PEREZ, 1988, p. 72)², quer isolada, como no fragmento de bojo da Valada do Mato.

Estes “orantes”, cujo papel na simbólica neolítica não é de fácil reconstituição, parecem na essência um fenómeno peninsular, até ao momento registado na área valenciana e no actual território português, e a sua associação a necrópoles, povoados e espaços ritualizados como o da Cova de l’Or, atesta a natureza transversal deste símbo-

² Frisos de figuras estão igualmente registados em outros, e mais tardios, complexos mágico-religiosos como é visível numa placa de xisto proveniente de Mértola (GONÇALVES, 2006).

lo que, como outros fenómenos culturais originários do Mar Interno, expande-se até ao limite setentrional do Portugal Mediterrâneo.

Os fragmentos de recipientes cerâmicos com “figuras orantes” não possuem indicações de proveniência que possam esclarecer as modalidades do seu uso, dado que no caso das ocupações em gruta provêm de depósitos profundamente revolidos e escavados nos anos 40, e no caso do fragmento da Valada do Mato, este provêm do nível de abandono do sítio, sem que possam por isso ser associados a enterramentos ou estruturas específicas.

Esta figura antropomórfica, sem indicação de género, representada de costas para o observador, está aparentemente coberta por um traje ritual, composto por peça única, do qual emergem, nas representações mais detalhadas, membros inferiores e superiores, que terminaram num número variável de dedos que oscila entre 4 e 6.

É a sua “linguagem corporal” que nos faz classificar esta como uma figura orante, uma vez que os membros superiores erguidos são interpretados como uma postura própria de adoradores/suplicantes. Assim, e apesar das reservas que são obrigatórias aquando da discussão dos escorregadios significados dos símbolos, a “figura orante” parece mais que a iconografia de uma divindade, a representação gráfica de um intermediário, entre distintos planos da existência, ou de um adorador.

4.3. *Símbolos só para vivos?*

Esta “figura orante” parecia esgotar o universo das representações antropomórficas em contextos do Neolítico antigo, o que, e apesar de admitidos paralelos com representações da Itália meridional e da ilha de Malta (CARDITO, 1998 in SANCHIDRIÁN, 2005), demonstrava a especificidade ideológica do espaço peninsular e o desaparecimento dos símbolos próprios do Mediterrâneo oriental e central.

No entanto, nos últimos anos esta imagem sofreu algumas ampliações que fazem prever um crescimento continuado da base de dados e que conectam de forma mais estreita a Península a outras áreas do Mediterrâneo.

O grande vaso antropomórfico recuperado no sítio de La Paleta (Toledo), datado de 6600±60 BP, directamente a partir de cereal que integrava a pasta do recipiente (JIMÉNEZ GUIJARRO *et al.*, 2008), possui inequívocas ressonâncias orientais, e remete para um quadro simbólico ainda mal percebido no espaço peninsular, mas com estreitas conexões a estruturas, contentores e práticas de armazenamento.

Um outro artefacto ideotécnico, ainda sem paralelos conhecidos na Península, é a figurinha antropomórfica, em cerâmica, recolhida no povoado da Valada do Mato³ (DINIZ, 2008), que remete para um universo simbólico de longa duração e de ampla dispersão espacial, e que constitui, apesar de todas as mutações de sentido que possa ter conhecido na sua diáspora pela bacia do Mediterrâneo, o único elemento sobrevivente do pacote mágico-religioso do Neolítico oriental.

Esta pequena figurinha que se encontra parcial, e intencionalmente?, fragmentada provêm de um contexto doméstico, onde foi recolhida em posição secundária, portanto sem elementos acerca do seu contexto de uso específico, e do tipo de práticas em que esteve envolvida. A fragmentação, com uso provável de pirotecnologia, e a recolha em níveis de abandono/lixreira de espaços domésticos são, em diferentes lugares do Mediterrâneo, aspectos comuns a estas estatuetas o que sugere que a mutilação e o abandono da peça integram a encenação em que esta esteve envolvida.

³ Esta figurinha antropomórfica é objecto de uma publicação monográfica e de uma discussão ampla, no volume de 2008 da revista *Saguntum*, pelo que aqui se apresenta uma notícia breve da mesma.

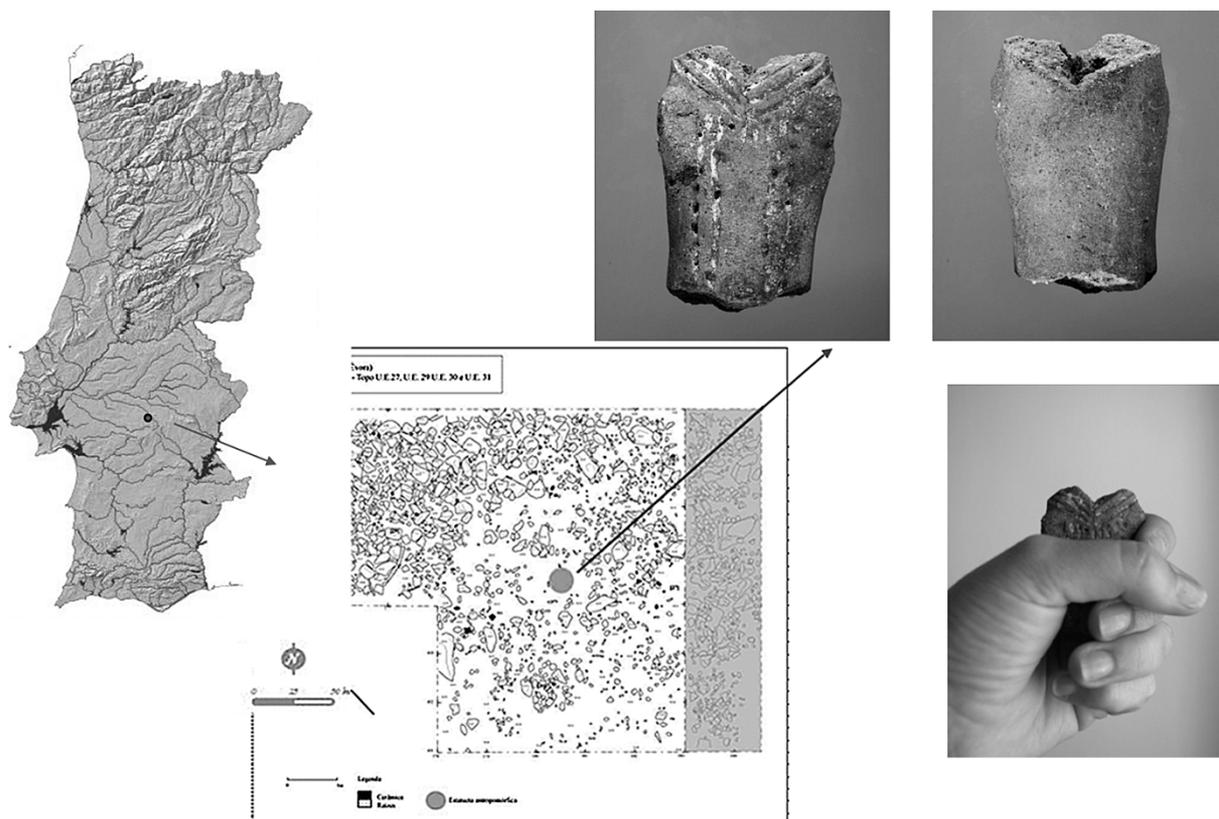


Fig. 5 – Figurinha antropomórfica da Valada do Mato (Fotos V.S. Gonçalves e M. Diniz)

A figurinha da Valada do Mato pertence ao grupo das figurinhas sem indicação específica de género, e neste momento conserva-se um torso envolto num “traje ritual”, composto por colar com pendentes e duas faixas de adereços ao longo do corpo, realizado por impressão preenchida com pasta branca, obtida a partir de osso (ODRIOZOLA, 2008).

Tal como sucede com a representação da “figura orante”, não é também possível definir o estatuto – divino, humano ou misto? – desta personagem que ao surgir no povoado da Valada do Mato demonstra a estreita associação entre ambientes produtores e figurinhas antropomórficas facilmente manipuláveis que, segundo alguma arqueologia marxista (MASVIDAL, 2006), estariam envolvidas em rituais destinados a garantir o controlo sobre os corpos das mulheres, veículos essenciais de (re)produção de riqueza, em contextos agro-pastoris.

Esta figurinha, cuja solidão no espaço peninsular só pode ter uma causa arqueográfica resultante das dimensões muito reduzidas da maior parte das áreas escavadas que tornam menos provável a recuperação destes objectos sempre pouco frequentes, constitui um claro reflexo que a filiação mediterrânea do Neolítico peninsular não se esgota nas componentes tecno-económicas, mas inclui os planos do simbólico e do ritual, cuja presença se estende aos espaços de habitat.

4.4. Símbolos na paisagem

Durante o Neolítico antigo, outros rituais parecem ocorrer para além dos espaços funerários e dos contextos domésticos, deixando traços leves numa paisagem progressivamente antropizada, como se deduz da

presença de vasos isolados, casualmente recuperados, em diferentes pontos do Centro e Sul do território português.

Registados, num primeiro momento exclusivamente na Estremadura, estes vasos, por regra intactos e desprovidos de contexto arqueológico envolvente, como o vaso de Casével, o vaso de Santarém, o vaso do Cartaxo e o vaso de S. Julião, podiam integrar depósitos votivos, na proximidade de linhas de água (SIMÕES, 1999), que, em função dos dados actuais, estão igualmente registados no Alentejo.

À descoberta, também fortuita, de um vaso de colo no Monte da Vinha (Santiago do Cacém), cujo estado de conservação – inteiro – o afasta das cerâmicas recolhidas em habitats (GAMNA, 2005), acrescenta-se um vaso isolado de grandes dimensões na Ponte da Azambuja 3 (Portel) (MARTINS *et al.*, no prelo). Ao contrário dos anteriores achados, este vaso provém de uma escavação arqueológica pelo que foi possível garantir o seu isolamento espacial e a efectiva proximidade desta deposição a um curso de água.

4.5. *Objectos de adorno*

Apesar de já anteriormente referidos no âmbito dos espólios votivos, um inventário de práticas simbólicas deve incluir também os objectos de adorno provenientes dos contextos habitacionais do Neolítico antigo.

Não estando em discussão a carga simbólica inerente a estes pequenos objectos, que transportam mensagens múltiplas acerca do seu proprietário, parece, no entanto, um exercício arriscado, e eventualmente ocioso no âmbito de sociedades tradicionais e portanto menos segmentadas ideologicamente, procurar conectá-los ao universo específico das práticas mágico-religiosas, ou ao circuito mais “profano” dos adereços corporais.

Da leitura da Quadro 2, torna-se óbvia a relativa raridade destes objectos, em necrópoles e sobretudo em habitats, que parecem por isso assumir um carácter excepcional sem que, por norma, se detectem quer ao nível das matérias-primas empregues – pedra, concha e osso, estes últimos seguramente utilizadas a uma escala que a acção de processos pós-deposicionais não permite recuperar – quer ao nível das tecnologias do seu fabrico – perfuração, polimento, abrasão – o recurso a elementos/procedimentos que justifiquem esta escassez, cujas causas devem ser encontradas no campo dos códigos simbólicos, hoje quase impossíveis de recuperar.

Apenas em dois contextos, ambos funerários, é possível associar adornos a indivíduos específicos. No caso da gruta de N.^a Sr.^a das Lapas, uma criança é acompanhada por um colar(?) de contas discóides e pendentes em forma de “canino de veado”, e em Castelo Belinho, um homem adulto recebeu 22 braceletes sobre *Glycymeris*. Até ao momento, nenhum outro objecto de adorno pode ser correlacionado com utilizadores concretos o que impede qualquer tentativa de padronização de usos em torno destes artefactos.

Nos sítios de habitat não é apenas a ausência de informação acerca dos proprietários dos adornos que impede esta leitura, mas a singularidade destas peças que as torna, em múltiplos contextos exemplares únicos.

Do habitat permanente do Forno do Terreirinho provêm duas contas discóides de xisto negro, os únicos objectos de adorno recuperados em povoados ao ar livre no Maciço Calcário (CARVALHO, 2007, p. 128), da Valada do Mato provém uma conta discóide de pedra, um pendente com perfuração inacabada de pedra e um fragmento de bracelete de pedra (DINIZ, 2007), do Xarez 4 provém um fragmento de bracelete de pedra (V. S. Gonçalves, inf. pess.), da Salema, um fragmento de bracelete de pedra (SILVA & SOARES, 1981), da Cabranosa, um espécime de púrpura perfurado para suspensão, do Padrão, duas contas sobre concha valvas de *Dentalium* e *Trivia*, e dois pendentes em calcário, tipo “caninos de veado”, da Rocha das Gaivotas, um pendente em calcário, imitando canino de veado e uma concha de *Glycymeris*, com perfuração (CARVALHO, 2007).

Esta listagem, demasiado exígua, integra ao lado de objectos de adorno tipologicamente pouco expressivos, dada a sua longa diacronia de utilização, como sejam as contas de colar e alguns tipos de pendentes, outros que, como os “caninos de veado” e, em particular os braceletes de pedra, constituem verdadeiros fósseis-directores do

Neolítico antigo, com ampla dispersão no Mediterrâneo ocidental, e pertencem ao conjunto de adornos que não sobrevivem em etapas finais do Neolítico.

Estas braceletes de pedra, admitindo que consistem numa peça única sem perfurações que permitam ampliar a sua medida interna, apresentam diâmetros reduzidos – na Gruta da Senhora da Luz – 7.3 cm, na Valada do Mato – 6.8 cm, na Salema – 6.6 cm – o que permitia a sua utilização por adultos do sexo feminino.

É, no entanto, de registar o pequeno diâmetro – da ordem dos 6.6. cm – das pulseiras de *Glycymeris*, que adornavam os braços de um homem adulto em Castelo Belinho (GOMES, 2008), e que levanta algumas questões em torno da sua colocação.

Se os objectos de adorno possuem, mais que outros elementos, um papel de diagnose cultural, também neste campo fica demonstrada a integração das primeiras comunidades neolíticas, no actual território português, na esfera do Neolítico mediterrâneo.

Quadro 2 – Objectos de adorno do Neolítico Antigo, do Ocidente Peninsular

| | | C. colar pedra | C.colar concha | Pendentes pedra/ concha | Pendentes “caninos de veado” | Conchas perfuradas | Pulseira pedra | Pulseira concha |
|-----------------------------|---|-------------------|-------------------|-------------------------------|------------------------------------|-----------------------|-------------------|--------------------|
| Caldeirão | | | | | | | | |
| NA2 (1) |  | | x | | | X | | |
| Caldeirão NA1 (1) |  | x | | x | | X | | |
| N.ª Sr.ª Lapas (2) |  | x | | | x | | | |
| Almonda (3) |  | | | | x | | | |
| Gruta Sr.ª da Luz (3) |  | x | | | x | | x | |
| Forno do Terreirinho (3) | ▲ | x | | | | | | |
| Valada do Mato (4) | ▲ | x | | x | | | x | |
| Xarez 4 (5) | | | | | | | x | |
| Salema (6) | ▲ | | | | | | x | |
| Rocha das Gaiotas (3) | ▲ | | | | x | x | | |
| Padrão (3) | ▲ | | x | | x | | | |
| Cabranosa (3) | ▲ | | | | | | | |
| Castelo Belinho(7) | ▲  | | | | | | | x |

Referências – 1 – ZILHÃO, 1992; 2 – OOSTERBEEK, 1993; 3 – CARVALHO, 2007; 4 – DINIZ, 2007; 5 – V.S. Gonçalves, inf.pess.; 6 – SILVA & SOARES, 1981; 7 – GOMES, 2008.

5. PRÁTICAS E TEORIAS NO CAMPO DA SIMBÓLICA: PARA UMA DISCUSSÃO DE SIGNIFICADOS

Numa leitura global da informação, e apesar da escassez e por vezes nenhuma contextualização dos dados disponíveis, parece confirmar-se, no registo arqueológico uma efectiva conexão entre a entrada em cena, na segunda metade do 6.º milénio a.C., de elementos próprios da economia produtora e de elementos específicos da simbólica neolítica.

Numa paisagem peninsular, que parecia excessivamente “laica” e dominada por economias assentes sobretudo na caça-recolocção, até à emergência do fenómeno megalítico, que estaria associado a um momento de implantação efectivas das práticas produtivas, acumulam-se hoje os indicadores directos de práticas agrícolas precoces, e a confirmar-se a cronologia do cereal em La Paleta (JIMÉNEZ GUIJARRO *et al.*, 2008), inesperadamente precoces, e de uma estrutura simbólica relativamente complexa porque integra diferentes elementos da cultural material, registados em habitats, necrópoles e santuários.

Esta simbólica do Neolítico antigo peninsular apresenta importantes componentes do imaginário circum-mediterrâneo, nomeadamente ao nível das práticas funerárias, que parecem, num primeiro momento relativamente marginais, realizadas quase sempre através da deposição/enterramento em pequena fossa, em gruta, ou pontualmente no espaço de habitat, com elementar ou ausente estruturação do espaço funerário e com escasso espólio votivo, no qual os objectos de adorno – contas de colar e pendentos – parecem constituir o elemento dominante de um conjunto que pode integrar também recipientes cerâmicos e artefactos de pedra lascada.

Em algumas grutas-necrópole, como acontece em Eira Pedrinha e na Gruta do Almonda, o espólio inclui “cerâmica simbólica”, com frisos de “figuras orantes”, oriundas (?) do Levante espanhol.

Num segundo momento, datado já dos meados/finais do 5º milénio AC, o espaço habitacional é, em alguns contextos, também necrópole, como é visível em Los Cascajos e Castelo Belinho, onde estão atestadas inumações em fossa, com possível re-utilização de estruturas de armazenamento.

No entanto, a questão simbólica extravasa claramente os contextos funerários, e também em habitats estão presentes alguns componentes de um universo mágico-religioso, cujos rituais de uso não podem ser, por ausência de contextos primários de uso, reconstituídos.

Os resultados obtidos no povoado da Valada do Mato parecem ser particularmente significativos, e em parte o resultado da área já escavada no sítio, porque integram para além de objectos de adorno, e de um recipiente cerâmico com impressão de uma “figura orante”, uma figurinha antropomórfica, até ao momento única no espaço peninsular, que remete directamente para o universo das figurinhas, muitas vezes femininas, manipuladas pelos primeiros agricultores da bacia do Mediterrâneo.

Apesar de pouco frequentes, estes elementos datados da 2.ª metade/finais do 6.º milénio a.C., constroem uma nova mundividência que traduz estreitas conexões aos ambientes mediterrâneos, de onde provêm não só as componentes económicas e tecnológicas, mas também simbólicas da Revolução Neolítica.

As estreitas ligações aos territórios atlânticos parecem, no extremo Ocidente Peninsular um fenómeno mais tardio associado à eclosão do Megalitismo que constrói paisagens em torno de discursos simbólicos e que define outra super-estrutura ideológica que se constrói, muito mais em plano de ruptura do que em continuidade, sobre uma teia de signos pré-existente, que só agora começa a ser percebidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, A. C. & LEJEUNE, M. (1995) – *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Trabalhos de Arqueologia, 8).
- AUBRY, T.; FONTUGNE, M. & MOURA, M.^a H. (1997) – Les occupations de la grotte de Buraca Grande depuis le Paléolithique Supérieur et les apports de la séquence holocène a l'étude de la transition Mésolithique/Néolithique au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 94:2, p. 182-190.
- AURENCHE, O. & KOZLOWSKI, S.K. (2003) – *El origen del Neolítico en el Próximo Oriente. El paraíso perdido*. Barcelona: Ariel.
- BARNARD, A. (2007) – From Mesolithic to Neolithic Modes of Thought. In A. Whittle e V. Cummings, eds. – *Going Over – The Mesolithic-Neolithic Transition in North-West Europe*. Oxford: The British Academy, p. 5-19.
- BOAVENTURA, R. (no prelo) – O megalitismo da região de Lisboa: as antas. In GONÇALVES, V. S. & SOUSA, A. C., *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal. Actas do Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- CALADO, M. (2004) – *Menires do Alentejo Central: génese e evolução da paisagem megalítica regional*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. (Policopiada).
- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, A. F. (2008) – A Gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e a sua importância no faseamento do Neolítico no território português. In *Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira. Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, p. 269-300.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. & FERREIRA, O.V. (1996a) – Novos elementos para o estudo do Neolítico antigo da região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 9-26.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O.V. & CARREIRA, J. R. (1996b) – O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 195-256.
- CARREIRA, J. R. (1994) – A Pré-história recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 47-144.
- CARVALHO, A. F. (2007) – *A Neolitização do Portugal Meridional: os Exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Algarve. (Policopiada).
- CASTRO, L. A. & FERREIRA, O.V. (1972) – O nível neolítico da Gruta das Salemas (Ponte de Lousa). *Arqueologia e História*. Lisboa. 9^a Série, 4, p. 399 – 413.
- CAUVIN, J. (1999) – *Nascimento das Divindades. Nascimento da Agricultura*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CORRÊA, A. M. & TEIXEIRA, C. (1949) – *A jazida pré-histórica de Eira Pedrinha (Condeixa)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, (Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal).
- CREMONESI, R.; MALLEGGNI, F. & TRAMONTI, M. (2003) – La sepoltura del Neolitico Antico di Torre Sabea. GUILAINE, J., CREMONESI, G., eds. – *Torre Sabea: un établissement du néolithique ancien en Salento*. Roma: École Française de Rome, p. 96-105.
- DELGADO, J. F. N. (1884) – La grotte de Furninha a Peniche. In *IX Congrès International d'Anthropologie et Archéologie Préhistoriques*. Lisboa: Typographie de l'Académie Royale des Sciences, p. 207- 264.

- DINIZ, M. (1994) – *Acerca das cerâmicas do Neolítico Antigo da gruta da Furninha (Peniche) e da problemática da neolitização do Centro/Sul de Portugal*. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica apresentadas à Faculdade de Letras de Lisboa. (Policopiado).
- DINIZ, M. (2007) – *O Sítio da Valada do Mato (Évora): Aspectos da Neolitização no Interior/Sul de Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia, 48).
<http://www.ipa.min-cultura.pt/pubs/TA/folder/48/TA48046.pdf>
- DINIZ, M. (2008) – *Far from Eden?* Acerca de uma figurinha antropomórfica do povoado do Neolítico antigo da Valada do Mato (Évora, Portugal). *Saguntum (PLAV)*. Valencia: Universidad de Valencia. 40, p. 9-23.
- GAMNA (2005) – Vaso do Monte da Vinha. *Boletim Informativo*. Lisboa: Grupo de Amigos do Museu Nacional de Arqueologia. 5, p. 1.
- GARCÍA ATIENZAR, G. (2007) – La Neolitización del Territorio. El poblamiento neolítico en la área central del Mediterraneo español. Tese Doutoramento apresentada à Universidade de Alicante. www.eltallerdigital.com
- GARCÍA GAZÓLAZ, J. & SESMA SESMA, J. (2001) – Los Cascajos (los Arcos, Navarra). *Intervenciones 1996-1999. Trabajos de Arqueología Navarra*. 15, p. 299-306.
- GIMBUTAS, M. (2007) – *The Goddesses and Gods of Old Europe*. Londres: Thames and Hudson.
- GOMES, M.V. (2008) – Castelo Belinho (Algarve, Portugal) and the First Southwest Iberian Villages. In M. Diniz, ed. – *The Early Neolithic in the Iberian Peninsula – Regional and Transregional Components*. Proceedings of the XV UISPP World Congress. Oxford: BAR International Series, 1857, p. 71-78.
- GONÇALVES, V.S. (2003) – Comer em Reguengos, no Neolítico. As estruturas de combustão da Área 3 de Xarez 12. In GONÇALVES, V.S., ed. – *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia. 25), p. 81-99.
- GONÇALVES, V. S. (2006) – Manifestações do sagrado na pré-história do Ocidente Peninsular. 8 – Sete placas de xisto gravadas (e algumas outras a propósito). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 24, p. 167-231.
- GUILAINE, J. (1981) – *Premiers bergers et paysans de l'Occident méditerranéen*. Paris: Mouton.
- GUILAINE, J. (2003) – *De la vague à la tombe: la conquête néolithique de la méditerranée*. Paris: Seuil.
- GUILAINE, J. & CREMONESI, G. (eds.) (2003) – *Torre Sabea: un établissement du Néolithique ancien en Salento*. Roma: École Française de Rome.
- HERNÁNDEZ PÉREZ, M. (ed.) (2004) – *Pla de Petrarcos – Patrimonio de la Humanidad*. Alicante: Diputación de Alicante.
- HERNÁNDEZ PÉREZ, M. & SEGURA MARTÍ, J. (eds.) (2002) – *La Sarga – Arte Rupestre y Territorio*. Alcoy: Museu de Alcoy.
- JACKES, M.; LUBELL, D. & MEIKLEJOHN, C. (1997) – Healthy but Mortal: Human Biology and the First Farmers of Western Europe. *Antiquity*. York. 71, p. 48-93.
- JIMENEZ GUIJARRO, J.; RODRÍGUEZ-MALO, J. & GARRIDO RESINO, G.; PERERA RODRÍGUEZ, J. (2008) – El Yacimiento del Neolítico Inicial de La Paleta (Numancia de la Sagra, Toledo). In *Actas do IV Congreso del Neolítico Peninsular*. Alicante: MARQ. 1, p. 126-136.

- LUBELL, D.; JACKES, M.; SHEPPARD, P. & ROWLEY-CONWY, P. (2007) – The Mesolithic-Neolithic in the Alentejo: archaeological investigations, 1984-1986. In N. BICHO (ed.) – *From the Mediterranean basin to the Portuguese Atlantic Shore: Papers in Honor of Anthony Marks. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: Universidade do Algarve. Promontoria Monografica 7, p. 209-229.
- MARTI OLIVER, B. & HERNÁNDEZ PÉREZ, M. (1988) – *El Neolítico Valenciano – Art rupestre i Cultura material*. Valencia: SIP.
- MARTINS, A.; NEVES, C. & CARDOSO, M. (no prelo) – Fragmentos da Paisagem: o pote isolado da Ponte da Azambuja 3. *Actas do IV Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Aracena, Novembro de 2008.
- MASVIDAL, C. (2006) – La Imagen de las Mujeres en la Prehistoria a través de las Figuritas Femeninas Paleolíticas y Neolíticas. In *Las Mujeres en la Prehistoria*. Valencia: Museu de Prehistòria de València, p.37-50.
- NATIVIDADE, M. V. (1899-1903)- Grutas de Alcobça. Materiaes para o estudo do Homem. *Portugália*. Porto. 1(1-3), p. 433-474.
- ODRIOZOLA, C. (2008) – Idolo antropomorfo de Valada do Mato. Estudio Científico de la Pasta que Rellena la Decoración Impresa. *Saguntum (PLAV)*. Valencia: Universidad de Valencia. 40, p. 24-26.
- OOSTERBEEK, L. (1993) – Nossa Senhora das Lapas: excavation of prehistoric cave burials in central Portugal. *Papers from the Institute of Archaeology*. 4, p. 49-62.
- OROZCO KHOLER, T.; BERNABEU AUBAN, J.; MOLINA BALLAGUER, L. & DIEZ-CASTILLO, A. (2008) – Los recintos Neolíticos como expresión de poder en el Mediterráneo Peninsular. (*Era*) *Arqueologia*. 8, p. 172-181.
- ÖZDOĞAN, M. (1997) – The Beginning of Neolithic Economies in Southeastern Europe: an Anatolian Perspective. *Journal of European Archaeology*. 5 (2), p. 1-33.
- RADI, G. (2003) – Analyse de l'équipement matériel – Gli oggetti di Ornamento. In GUILAINE, J. CREMONESI, G. (eds.) (2003), *Torre Sabea: un établissement du néolithique ancien en Salento*. Roma: École Française de Rome, p. 209-217.
- SANCHIDRIÁN, J. L. (2005) – *Manual de arte prehistórico*. Barcelona. Ariel Prehistoria.
- SEMINO, O.; MAGRI, C.; BENUZZI, G.; LIN, A.; AL-ZAHERY, N.; BATTAGLIA, V.; MACCIONI, L.; TRIANTAPHYLIDIS, C.; SHEN, P.; OEFNER, P.; ZHIVOTOVSKY, L.; KING, R.; TORRONI, A.; CAVALLI-SFORZA, L.; UNDERHILL, P. & SANTACHIARA-BENERECETTI, A. (2004) – Origin, Diffusion, and Differentiation of Y-Chromosome Haplogroups E and J: Inferences on the Neolithization of Europe and Later Migratory Events in the Mediterranean Area. *Am. J. Hum. Genet.* 74, p. 1023-1034.
- SERRÃO, E. C. (1959) – Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Actas I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. 1, p. 337-358
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1981) – *Pré-História da área de Sines: trabalhos arqueológicos*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SIMÕES, T. (1999) – *O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 12).

SOUSA, A.C. (2008) – Arqueologia. *Boletim Cultural 2007*. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, p. 411-497.

TINÉ, S. (1999) – *Il Neolitico nella caverna delle Arene Candide (scavi 1972-1977)*. Bordighera: Istituto Internazionale Studi Liguri.

ZILHÃO, J. (1992) – *Gruta do Caldeirão: O Neolítico antigo*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Trabalhos de Arqueologia, 6).